

OS INDICADORES ÉTICOS DA EQUIPE UERN DE GINÁSTICA AERÓBICA: ARTICULAÇÕES COM A CONVIVÊNCIA NA PERSPECTIVA DA BIOLOGIA DO CONHECIMENTO

Autor (Stephany de Fátima Costa Fernandes); Orientador (Leonardo Rocha da Gama)

Departamento de Educação Física, Pau dos Ferros, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
stephany_fcf@hotmail.com, gama.leonardo@yahoo.com.br

Resumo: Neste artigo estaremos discutindo quais os indicadores éticos estão relacionados à convivência entre os sujeitos da equipe de Ginástica Aeróbica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, assim como a relevância destes indicadores para o cultivo da relação de convivência no grupo em destaque. Correspondem aos indicadores éticos identificados neste contexto: respeito, medo, superação, companheirismo, amor, persistência e união. Ainda neste artigo abordaremos quais as contribuições que a experiência na prática esportiva referida traz para a formação humana e acadêmica dos sujeitos dessa pesquisa. As discussões das análises de conteúdo serão pautadas na Biologia do Conhecimento (Maturana e Varela, 2000). Utilizamos como método de pesquisa, a *Análise de Conteúdo* (BARDIN, 2011). O *lócus* da nossa pesquisa foi o grupo de ginástica aeróbica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado Profª. Maria Eliza de Albuquerque Maia, da cidade de Pau dos Ferros. O *Corpus* de análise foi formado por seis memoriais descritivos, onde os sujeitos descreveram suas experiências nesse processo de formação humana. Concluímos que a convivência abarca um conjunto de ações que se manifesta nas emoções e nas relações entre as pessoas; que os saberes éticos são cultivados na troca de experiência entre o gênero humano e que se dá no tempo e num espaço específico. Portanto, os valores éticos são construídos e cultivados no processo de existencial.

Palavras-chave: ética, ginástica, esporte, educação física, formação humana.

1. INTRODUÇÃO

A intensão de trabalhar com esse tema, partiu da minha experiência de vida, quando fui ginasta de ginástica aeróbica esportiva (GAE) e ainda aluna, na graduação em Educação Física. Esse artigo é um fragmento do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), cujo título foi: *Formação humana e profissional: experiência de ginastas brasileiros inseridos no contexto universitário e esportivo* (FERNANDES, 2015). Esse TCC foi orientado pelo professor Mestre Leonardo Rocha da Gama.

Inserida no contexto universitário, passei a vivenciar o universo esportivo. Essa experiência começou em 2012, quando o professor Leonardo Rocha da Gama, professor do curso de Educação Física da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, convidou-me para participar da ginástica aeróbica, projeto de extensão que ele coordena. Minha experiência se reduzia a dança e a ideia de participar de uma prática esportiva me atraiu. Durante o período de 2012 a 2014, estive engajada nas atividades da equipe UERN de ginástica aeróbica. Nesse tempo, posso afirmar que o esporte transforma. Percebo quando olho para trás e vejo a pessoa que fui antes e o que sou hoje e, como o esporte se faz importante na vida e na formação dos indivíduos que o praticam.

Nesse contexto, surgiram as minhas questões de estudo: 1. O que acrescentou em nossas vidas a prática da ginástica aeróbica? 2. Quais os indicadores éticos são possíveis de identificar no processo vivido no Grupo de Ginástica UERN? 3. Como esses indicadores éticos são percebidos à luz da *biologia do conhecimento*? Portanto, é nosso objetivo nesse artigo, discutir quais os indicadores éticos estão relacionados à convivência entre os sujeitos da equipe de Ginástica Aeróbica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, assim como a relevância destes indicadores para o cultivo da relação de convivência no grupo em destaque.

As discussões das análises de conteúdo são pautadas na *Biologia do Conhecimento* (MATURANA; VARELA, 2001). A biologia do conhecimento é um corpo teórico cujo olhar sobre o ser humano se faz articulado à natureza e a cultura cujo ser humano faz parte. Existem outros conceitos nos quais os autores trabalham, porém nosso foco é a convivência. A convivência nessa perspectiva abarca um conjunto de ações que se manifesta nas emoções e no linguajar entre pessoas. Assim, a biologia do conhecimento nos conduzirá nas reflexões que exporemos na sequência desse estudo. Destacamos que, outros autores aparecerão no decorrer do texto para enriquecer a discussão.

Utilizamos como método de pesquisa, a *Análise de Conteúdo* (BARDIN, 2011). “A Análise de conteúdo é um conjunto de técnicas usadas para analisar comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p.51). O *locus* da nossa pesquisa foi o grupo de ginástica aeróbica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado Prof^a. Maria Eliza de Albuquerque Maia, da cidade de Pau dos Ferros (RN).

Participaram da pesquisa seis sujeitos que tiveram experiência entre os anos de 2012 a 2014 em Torneios Nacionais da referida modalidade, nível adulto. O grupo de sujeitos que constitui essa pesquisa foi formado por integrantes e ex-integrantes da equipe. É importante ressaltar que dentre os seis constituintes da amostra estiveram inseridos o Técnico da Equipe e a autora desta pesquisa. O *Corpus* de análise foi formado por seis memoriais descritivos, onde os sujeitos descreveram suas experiências nesse processo de formação humana.

Para fomentar, produzir e recolher o material que compôs o corpus de análise, foi criado em Abril de 2015, um grupo na rede social WhatsApp com o intuito de reunir os possíveis participantes da pesquisa. O grupo inicial foi composto por oito sujeitos e se tornou importante para a realização das discussões iniciais na elaboração dos memoriais descritivos. Esse caminho foi eficiente, uma vez que os alunos que já saíram do grupo e terminaram a faculdade moram em cidades distintas. A proposta lançada foi prontamente aceita pelos sujeitos, mas apenas seis concluíram seus memoriais.

Para a elaboração dos memoriais descritivos, foram elaborados e distribuídos aos sujeitos os instrumentos: roteiro com perguntas operacionalizadas. Além disso, cada um deles recebeu um formulário de autorização via e-mail. E foi por e-mail que foi estabelecido a comunicação com os mesmos sujeitos, inclusive na redação do texto em que eles narram/descrevem sobre a sua trajetória no Grupo de Ginástica Aeróbica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Correspondem aos indicadores éticos identificados neste estudo: respeito, medo, superação, companheirismo, amor, persistência e união. Ainda neste artigo abordaremos quais as contribuições que a experiência na prática esportiva referida traz para a formação humana e acadêmica dos sujeitos dessa pesquisa.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA DOS RESULTADOS

O respeito se destaca entre os memoriais descritivos dos sujeitos, na articulação do contexto vivido por cada sujeito no grupo e a relação desse sujeito com os outros. No total de memoriais descritivos analisados, a frequência da palavra respeito é de 83,33%. É comum encontrar o respeito como expressão das ações que correspondem em aceitar as decisões alheias e as individualidades de cada membro do grupo. Vejamos a fala do sujeito 1:

Entre os valores morais mais significativos que essa experiência me proporcionou, destaco o aprender a conviver com as diferenças e perceber que cada um tem um jeito e uma maneira de ser diferente que deve ser respeitado (Sujeito 1).

O sujeito 1 destaca que a convivência entre o grupo proporcionou um pensar sobre o ser humano a partir do respeito a individualidade, em que cada um é diferente do outro. Esse olhar em relação ao convívio aponta o respeito como uma expressão ética. Esse valor toma forma na ação do outro e corresponde à aceitação de cada um em ser e no agir. Nesse sentido, compreendemos que esse valor ético é imprescindível nas relações de convivência como nos mostra a unidade de análise do sujeito 1, trazendo o respeito como algo que fortifica as relações e um ponto bastante significativo na experiência obtida no grupo.

Entendi que mesmo tratando-se de uma equipe direcionada a competição, existia a assimilação de valores, que são levados para a vida, por exemplo, o respeito. A convivência ensinou-me o quão o outro tem a me oferecer e o quão devemos respeitar as individualidades (Sujeito 2);

Notei que o esporte não é somente a competição e a competição não se dá somente no esporte. O esporte vai além de sua prática, possibilitando ao seu praticante o desenvolvimento de valores morais, como respeito e trabalho em equipe, são saberes que muitas vezes se aprende sem que se perceba [...] O esporte só existe a partir do princípio da competição, mas só há competição se houver o outro, o que nos faz compreender que o



respeito e a valorização do outro precisa ser vivida e estimulada no fenômeno esportivo (Sujeito 3)

Esses sujeitos nos mostra que treinavam para competições e que, mesmo assim, conseguiram entender que por trás do sentimento de disputa, existe valores que se sobrepõe, sendo o respeito a virtude destacada em ambos os sujeitos. Geralmente, há certas assimilações de que o esporte é competição, e que por isso, é pautado somente na vitória a qualquer custo, onde ser vencedor é o único objetivo. Percebe-se que os sujeitos desviam-se dessa tendência, perspectiva reduzida de ver a ação de competir. Os mesmos compreendem que há outro sentido no que diz respeito à competição. O respeito à individualidade é ressaltado pelo sujeito 2 quando diz que a convivência ensinou a ofertar ao colega e a respeitar as individualidades. Nesse sentido, competir não corresponde à sobrepujança do vitorioso em relação ao adversário, mas uma experiência em si mesma, cujos sujeitos envolvidos aprendem, ensinam e se tornam humanos.

Lembramos Morin (2005), ao afirmar, entre outras palavras que, as saudações, cumprimentos e respeito às diferenças tendem a esvaziar as manifestações de rivalidade e agressividade e demonstram o apreço pelo outro, tecendo assim a cordialidade entre as pessoas. Portanto, o esporte não é um recurso de contendas ininterruptas, mas um recurso cultural de formação de seres humanos. Nesse sentido, entendemos humanidade como expressão desse existir com o outro na convivência. No caso específico dessa pesquisa, o esporte constitui o elemento cultural que também permite essa experiência entre humanos.

Digamos que passei por uma metamorfose depois que entrei no grupo, pois além de descobrir o que eu seria capaz de fazer fisicamente, também descobri que não há conquista maior que enriquecer a alma de respeito, admiração, cooperação, companheirismo (Sujeito 6).

O sujeito 6 tem na experiência com o grupo algo que transformou a sua vida. Essa “metamorfose” nada mais é do que um processo de transformação corporal que não se reduz na estratificação de um corpo físico, mas de um corpo impregnado de valores morais. O corpo físico é limitado ao gesto técnico, no que diz respeito a conseguir realizar os movimentos que a ginástica oferece. Como vimos, o sujeito 6 enfatiza que descobriu o que seria capaz de fazer com o seu físico. O corpo espiritual, nesse contexto, tratado como inteligência que designa a capacidade de conhecer, compreender e ser a partir dos valores éticos, entre os quais o sujeito destaca o respeito, a admiração, a cooperação e o companheirismo. Observamos que na expressão do sujeito 6, houve uma cisão entre o físico e o espírito para que o próprio sujeito pudesse expor sua compreensão de

forma didática, porém o físico e o espiritual estão costurados na compreensão de corpo: para o qual não existe fora do físico ou do intelectual/moral.

Em outra instância, respeitar é uma expressão de amor. O respeito advém de uma relação em que o amor está posto reciprocamente. O sujeito 3 fortalece esta ideia nos mostrando que “vários estavam juntos e se tornavam um só, onde o respeito entre todos era como o ar que arejava a sala e o cuidado um com outro era expressão maior de amor.” Nesse instante, enfatizamos a união e o respeito presentes na experiência desse sujeito, a partir da convivência no grupo. Compreendemos que o respeito é um valor associado a outro: o amor. A relação de cuidar um do outro, expressa uma ação que prova a existência de uma amorosidade. Essa expressão de amor se desenha no cuidado recíproco, entre os sujeitos envolvidos.

Tratando-se de amor, destacamos que o grupo investigado apresenta a frequência de 66,66% dessa palavra em seus memoriais descritivos. O amor é para esse grupo, um indicador ético que está relacionado à convivência na expressão do gesto amoroso. Para Morin (2005, p. 108), “O amor é a expressão superior da ética”. Sendo assim, trataremos de amor como o recurso ético de maior peso na vida do ser humano. O que designa o amor nessas circunstâncias são, de fato, as interações entre os sujeitos que se respeitam e se aceitam mutuamente como seres legítimos.

Para Maturana e Varela (1998), somos animais de linguagem e amorosos, pois as nossas atitudes éticas, por exemplo, responsabilidade, solidariedade e cooperação, só existem no domínio do amor, onde o outro é visto como legítimo outro da convivência. Maturana e Varela (1998), nos faz pensar no amor como fundamento biológico que se manifesta como fenômeno social, reforçando a ideia de que o amor se dá no humano, na interação do natural com o cultural.

Maturana e Verden-Zöller (2004), reforçam e ampliam a ideia anterior, na perspectiva moriniana, ao expressar que “sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER 2004, p. 269). Nesse sentido, podemos afirmar que o amor é a base fundamental para a constituição de espaços de interações. Esse amor não é algo dado, e sim construído no cotidiano de convivência com o outros, sendo este amor à emoção onde os outros diversos valores se justificam.

Os momentos em que estive com os amigos, era como se cuidássemos uns dos outros. O amor falava alto nesse momento. Senti-me cuidado e cuidei algumas vezes, assim como também me coloquei no lugar do meu colega, ninguém jamais apagará essa experiência (Sujeito 2).

O cuidado com o outro, era expressão de amor maior. Ao cuidarmos uns dos outros, somos cuidados, e isso revela o quanto nos gostamos e nos importamos com o outro (Sujeito 3).

Os fragmentos acima, nos mostra que a preocupação de uns com os outros impacta na nossa condição de seres amorosos. Ser amoroso é agir com amor, na troca de experiência uns com os outros. Para Maturana e Rezepka (2000), a ética não se funda na razão e sim no e pelo amor. A ética existe puramente no domínio do amor, como por exemplo, colocar-se no lugar do outro. Portanto, o amor se manifesta como ética, a priori, quando compreendemos que é preciso ver o outro como a si mesmo e na ação de cuidado com o outro em que qualifica o sujeito como amoroso, cuidadoso ou adjetivo que corresponda.

O amor é a nossa base, a proximidade é nosso fundamento e se os perdermos, procuramos sempre de novo recuperar o amor e a proximidade, porque sem eles desaparecemos como seres humanos, mesmo se nossa corporalidade permanece como entidade zoológica Homo sapiens sapiens.(MATURANA; REZEPKA, 2000, p.75)

Considerando todo o processo vivido e o dito acima, o mesmo nos traz enquanto reflexão de construções morais acerca do que podemos nos tornar enquanto seres humanos. O amor é aquilo que dá vida as nossas relações. O ato de amar e de saber como amar se fazem enquanto processos que constituem os seres humanos desde o seu nascimento. O amor é o alicerce de toda relação verdadeiramente humana. Compreendemos assim que, o amor se torna a maior aliança entre os seres humanos e entre os seres humanos com a natureza.

O amor se manifesta também de outras formas e inserido em outros contextos. Observemos o que diz o Sujeito 5: “Quero levar esse amor que tenho hoje pelo esporte e especificamente pela ginástica, enquanto conhecimento próprio da cultura corporal de movimento e enquanto esporte para outras pessoas”. O Sujeito 5 faz referência ao amor construído no e pelo esporte, especificamente na ginástica aeróbica, expõe ainda o desejo de replicar esse recurso ético para outras pessoas. Destacamos que essa possibilidade de se deslocar para a condição do outro é possível, enquanto um recurso ético. Esse sujeito ao se tornar professor de Educação Física terá a possibilidade de conduzir novas experiências nesse caminho. Nesse sentido, a relação professor-aluno em outros contextos pode fazer surgir um novo processo em que o amor faça parte, na construção de novas experiências e novos significados.

Compreendemos que esses saberes da convivência podem ser tomados como recursos de convivência, legado imaterial desse processo, expressão de um projeto existencial que se dá com o outro. Nesse sentido, somos conduzidos a pensar no companheirismo como um aspecto ético a ser tocado. Não por acaso, a palavra companheirismo aparece em 83,33% dos memoriais analisados. Essa condição, de aprender juntos e estarmos juntos e de ser companheiro é o existir em relação com o outro. Para Maturana e Varela (1998, p.83) “a convivência é quem nos ensina”.



Aprendi a ser uma pessoa mais companheira, a dividir meus problemas e perceber que nunca estou só, a exemplo do grupo de ginástica, em que sempre tinha alguém para me ajudar a superar alguma dificuldade e isso deve ser cultivado (Sujeito 1).

Percebemos na fala do sujeito que a amizade ou companheirismo é um valor que é cultivado na convivência, ao mesmo tempo percebemos o quanto o outro é importante, no momento em que se divide os problemas e em que nos ajudamos. Os sujeitos desse processo interagem entre si e é nessa interação que os saberes são produzidos. O gesto de ajudar ao outro revela uma qualidade humana, o altruísmo. O ser altruísta vive sua existência ética pautada no coletivo, na coexistência, excluindo dessa forma o individualismo e o egoísmo (MORIN, 2005). Vejamos ainda vestígios de sentido que se dá ao companheirismo na fala de outros dois sujeitos:

Respeito pelo próprio tempo, pelo tempo do outro, pelos limites e o companheirismo é uma conquista que levamos para a vida toda (Sujeito 4).

Digamos que passei por uma metamorfose depois que entrei no grupo, pois além de descobrir o que eu seria capaz de fazer fisicamente, também descobri que não há conquista maior que enriquecer a alma de respeito, admiração, cooperação, companheirismo (Sujeito 6).

O primeiro sujeito expõe o companheirismo como uma conquista. Essa conquista sugere tempo e pessoas. Já o segundo sujeito, atribui ao enriquecimento moral na aquisição da conquista, ao um processo de transformação que o mesmo denomina de metamorfose. Toda transformação requer tempo, portanto se dá no processo. Nesse sentido, podemos pensar o companheirismo como um fenômeno da convivência entre pessoas. Esse fenômeno é construído no tempo, no processo e nas interações que aqui compreendemos como convívio. Podemos compreender que o ser companheiro é fruto de uma dedicação contínua em que duas ou mais pessoas elaboram uma configuração ética em que o cuidar do outro com respeito e atenção soma essa condição. Assim, acreditamos que companheirismo só é possível em processo, nunca é dado ou inato, se constrói na relação entre dois ou mais seres humanos. Portanto, compreendemos que o companheirismo é uma troca entre o gênero humano que se dá no tempo.

O companheirismo é um valor moral construído e cultivado no processo de convivência entre indivíduos. Conseguir ser ou conquistar um companheiro exige um processo, um fluxo contínuo de gestos no tempo. E, como sugere o sujeito 4, é uma experiência que se leva para a vida. Coaduna com a ideia de que conquistar a amizade de alguém é tê-lo como irmão e acrescento a ideia de Morin (2005, p. 107), ao afirmar que “o amigo é um irmão por escolha”, que essa escolha não vem por acaso, ela é uma decisão difícil, racionalizada e afetiva, elaborada na convivência.



Os gritos de guerra, que de primeira instância assustava; os abraços de conforto entre os companheiros de equipe e mesmo entre os adversários; nas mãos amigas, desde ajudar no alongamento, até verificar se estava tudo bem com o cabelo ou roupa de competição (Sujeito 3).

O sujeito 3 traz essa ideia exposta em seu texto quando diz que “ao cuidarmos uns dos outros, somos cuidados, pois, também cuidamos da nossa alma, somos advertidos, instigados pelos próprios colegas, como uma relação de parceria, ou algo ainda maior, uma relação de família”. A família Ginástica, como passamos a denominar a nossa equipe, surgiu em 2014, a partir dos almoços em que nos confraternizamos no apartamento do Professor Leonardo, após os treinos de fim de semana ou mesmo nas rodadas de pizza, após os treinos da semana, a noite. Afirmar-se família é expressar uma condição de unidade que só é possível na união, no companheirismo, no respeito e no amor entre os membros dessa convivência. Portanto, tratamos a família Ginástica como sendo uma unidade em que convergimos eticamente e pelo desejo comum de praticar e de competir na ginástica aeróbica.

O medo enquanto contra valor, aparece nos memoriais com frequência de 83,33% para designar o nervosismo para enfrentarmos desafios na ginástica aeróbica, assim como nas competições. “O nervosismo, a ansiedade e o medo de não conseguir vieram à tona, por outro lado, a força de vontade de ser reconhecida falava mais alto” (Sujeito 6). Na expressão do sujeito 6, o medo se refere a uma insegurança momentânea, quebrada pelo desejo de ser notada e reconhecida. Podemos compreender que a virtude de perseverar anula e supera esse contra valor que paralisa. A persistência em querer algo bastou para que o sujeito pudesse seguir com os seus objetivos.

O sujeito 5 nos faz pensar melhor quando relata que “eu tive medo, mas, o meu técnico Leonardo me olhou nos olhos e disse: ‘eu confio em você’. E depois disso dei o melhor de mim”. O confiar no outro nos faz perceber que, o medo pode ser temporário, por consequência das circunstâncias em que o sujeito estava inserido. Compreendemos que nesse contexto, sentir medo provisoriamente é normal e natural. O sujeito diz em sua fala que deu o melhor de si, deixando-nos confiáveis de que o medo foi superado a partir do voto de confiança do Técnico. As intensidades de medo observado nessa pesquisa são dentro dos parâmetros de normalidade e naturalidade, todas são pontuais e provisórias. Gama (2009, p.111) corrobora com tais palavras quando diz que “No universo da Ginástica, no âmbito do esporte, o ginasta idealizado deve ser um sujeito, calmo, corajoso e entre outras virtudes já apresentadas. Sentir medo é tão saudável quanto superá-los”.

Ainda sobre o medo e sua superação, havia no Sujeito 5 uma vontade sobescrita em ir além e persistir nos objetivos que cada sujeito almejava, por essa razão, a superação do medo. O sujeito 5

diz que “Eu dei o melhor de mim, fui persistente. Havia dias de exaustão. Mas eu não desisti. E mais do que nunca estou determinada a continuar”. E para complementar, o sujeito 2 relata que, “Eu observava minha entrega, uma espécie de força vital me tomava, o que mais importava naquele instante era dar o meu melhor, com garra e persistência”. São valores que os sujeitos adquirem a partir de um objeto de desejo comum, neste caso, a competição e os traços dessa atmosfera de disputa.

O medo é expresso em diferentes contextos. Há o caso do medo como expressão do julgamento social. Para compreender melhor essa perspectiva do medo, passamos a seguinte citação: “No começo tínhamos medo por causa de certos estereótipos de que homem que pratica ginástica é homossexual é isso e é aquilo, mas percebemos que não tem nada a ver e foi se tornando uma experiência bastante proveitosa” (Sujeito 1). Nesse caso, o medo corresponde não à execução de um exercício mais complexo, ou a competição propriamente dita, povoada de elementos místicos que justificam a emoção, por exemplo: “todos estão me olhando”, “se eu errar, todos vão rir de mim”, “eu não sou bom suficientemente”, “os árbitros me odeiam”, “os árbitros só tem olhos para o ginasta X ou Y”. O sujeito 1 expressa no medo a suspensão da sua condição de gênero. Ser julgado sexualmente pelo esporte praticado é a temeridade da maioria dos meninos, uma vez que há no senso comum, a compreensão de que homem que é homem não faz ginástica. A prática esportiva em nossa cultura, quando envolve alongamento, flexibilidade e que se efetiva numa apresentação acompanhada de música, expressa uma atividade relacionada ao universo feminino. Esse equívoco histórico promove ao menino, aspirante a ginasta, uma certa resistência a pratica específica de qualquer esporte dessa natureza. Destacamos que esse é o nosso olhar para dentro da nossa cultura, a do sertão potiguar.

Outro aspecto merece o nosso destaque. A palavra união aparece com frequência nas nossas reflexões e discussões. Embora a palavra esteja fora dos critérios adotados para identificar os valores éticos apontados pelos sujeitos aqui pesquisados e para o desenvolvimento desse estudo, esse valor ético é recorrente e, portanto, insurgente no apelo que se apresenta na articulação com as outras virtudes aqui discutidas numa perspectiva ética da formação humana. Nesse sentido, vale romper um instante com o rigor científico na aplicação do método adotado, para expor que a união cerca nas entre linhas, o universo da equipe de Ginástica Aeróbica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando os objetivos de um grupo costumam os desejos de cada sujeito num desejo de todos, essas interações de convivência acontecem mais facilmente (Maturana, 1998). Nesse caso, o desejo comum que nos referimos é a prática da ginástica e a manutenção dessa prática em equipe. Percebemos que a convivência do grupo de Ginástica Aeróbica UERN proporcionou o cultivo de valores éticos, a saber: respeito, coletividade, amor, companheirismo, persistência e união aos sujeitos que viveram esse processo pedagógico entre os anos de 2012 a 2014 como parte de experiências pessoais e coletivas, sendo estes valores essências para a formação de uma condição humana que não se fecha em si, mas que se expande no processo de ensino-aprendizagem de habilidades e competências técnicas e morais. Nesse sentido, destacamos que cada sujeito envolvido nesse processo é um ser humano diferenciado por assimilar que o esporte, especificamente a ginástica aeróbica esportiva, promove o humano a partir da assimilação das atitudes éticas aqui elencadas no processo de ensino-aprendizagem desse artefato da Cultura Corporal de Movimento.

4. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3ª reimp. da 1ªed. 2011. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

MORIN, E. **O Método VI – A Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FERNANDES, Stephany de Fátima Costa. **Formação humana e profissional: experiência de ginastas brasileiros inseridos no contexto universitário e esportivo**. 2015. 140f. Monografia. (Graduação em Educação Física) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Faculdade de Educação Física. Pau dos Ferros, 2015.

GAMA, L.R. **Ginástica e Ética na escola: apontamentos para compreender a convivência humana**. Natal, RN, 2009.

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo, SP: Palas Athena, 2004.

MATURANA, H.R. & VARELA, F.. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1998.

MATURANA, H.R. & VARELA, F.J – **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução; Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo, Pala Athenas, 2001;

MATURANA, Humberto e REZEPKA, Sima Nisis. **Formação Humana e Capacitação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.